

Constrói-se o ponto de partida para que se escreva mais um capítulo, no Livro da Vida. O cenário é diferente do que havia na encarnação anterior, mas os padrões fundamentais são os mesmos. A vivência da criança aflora da memória profunda de ciclos que já aconteceram, e esta recordação subconsciente constitui o alicerce estrutural da existência que começa.[1]

Há uma certa confluência entre a psicanálise e a teosofia. Não por acaso a psicologia reconhece a importância central dos primeiros anos na vida da pessoa. Para os teosofistas, na infância está presente o material existencial atualizado da aprendizagem do eu superior nas existências prévias.

A infância é o mapa do tesouro.

Limitada em sua utilidade, a psicanálise ignora o processo da reencarnação. Ela estuda as vivências infantis, porém a maior parte dos psicanalistas ignora a teosofia clássica e ainda não sabe que a eliminação do sofrimento depende sobretudo de *Antahkarana*, a ponte viva que liga o eu inferior ao eu superior. No futuro, a falha poderá ser corrigida.

É fácil perceber que a nossa visão da infância evolui. As imagens do passado e do futuro mudam conforme as situações do presente. Nosso relacionamento com a parte inaugural da encarnação vai se alterando o tempo inteiro à medida que o ser humano aprende.

Em qualquer momento da caminhada evolutiva, cabe olhar com isenção as coragens e os medos que houve na infância, especialmente no que eles foram além do nível pensado e autoconsciente. Os principais medos, as principais coragens, os entusiasmos, as referências positivas e as decisões mais importantes da infância permanecem presentes de modo marcante ao longo das várias faixas etárias. Este patrimônio cármico contém a chave do significado da vida anterior, e ajuda a definir as realizações do presente e do futuro.

Ao decodificar os sentimentos centrais da infância, nós os libertamos da cegueira e do automatismo e percebemos neles os seus significados amplos, sagrados.

A relação que tivemos durante a infância com a autoridade, a relação com outras crianças, e a nossa imagem acumulada de nós mesmos, são fatores que merecem ser examinados com calma, porque permanecem influentes. Mas também evoluem e se alteram com cada mudança de situação existencial.

O eu inferior, que contém em si a alma imortal, é sem dúvida o herói da jornada.

Imperfeito, precário, vive a aventura suprema da encarnação presente. Ele trata de vencer os desafios que surgem. Ele segue a orientação que recebe do seu mestre, o eu superior. Assim como Hércules, o ser humano é *semimortal*, porque morre na sua metade inferior e física, mas vive ininterruptamente como alma espiritual.

O nascimento é, portanto, um processo criador contínuo. A cada momento decisivo da vida, os significados da mesma infância se renovam. Quando você tem 20 anos de idade, os seus primeiros anos de vida são uma coisa. Quando você tem 40, 60 ou 70, o mesmo período é visto de modo diferente e as lições que transmite são outras.

À medida que o peregrino avança no tempo, algumas barreiras se dissolvem, sementes germinam, muros caem e novos edifícios de saber interior se erguem. Cada ciclo de 24 horas

rompe uma nova camada da placenta protetora que impede o saber supremo. Tal como o seu irmão Sol, o peregrino nasce outra vez todos os dias. (CCA)

NOTA:

[1] O fato é mencionado em vários textos, inclusive “[Filosofia Esotérica Para Crianças](#)” e “[Compreendendo o Automatismo](#)”. Veja ainda “[Um Cosmo Em Cada Feto Humano](#)”.

Um Trabalho Construtivo: **O Foco no Que Há de Melhor**



O estudante de filosofia clássica está exposto continuamente a correntes de pensamento ilusório.

As ondas de superficialidade vêm até ele com convites atraentes para impulsos baseados em cobiça, medo, raiva, apego, rejeição, e assim por diante.

A qualquer momento, na ausência de uma vigilância adequada, o peregrino pode adotar como se fossem “suas” diversas ideias e emoções desastradas, passadas a ele tanto por amigos como por inimigos, ou por círculos mais amplos de carma coletivo e de atmosfera mental.

Aprender filosofia é saber como deixar de lado tais armadilhas. À medida que avança pelo caminho, o peregrino passa a identificar-se com o princípio da generosidade impessoal presente em seu coração. Vive uma amizade silenciosa por todos os seres.

Ao mesmo tempo, ele rejeita as formas subconscientes de autoidentificação com o mundo das aparências (tanto agradáveis como desagradáveis). Ele passa a manter distância crescente de todas as coisas moralmente desprezíveis ou intelectualmente estreitas. Embora as emboscadas da ignorância disfarçada não sejam raras em uma civilização materialista, suas falsas promessas perdem o poder de hipnotizar o estudante de filosofia.

O Poder da Honestidade

Caminhando Sobre um Chão Firme



Na vida familiar, assim como na relação com os colegas e amigos, não há coisa melhor que a sinceridade. E isso traz desafios numerosos.

Embora a transparência pareça algo simples, a sua prática na vida diária é complexa e produz incerteza mas constitui um ponto indispensável.

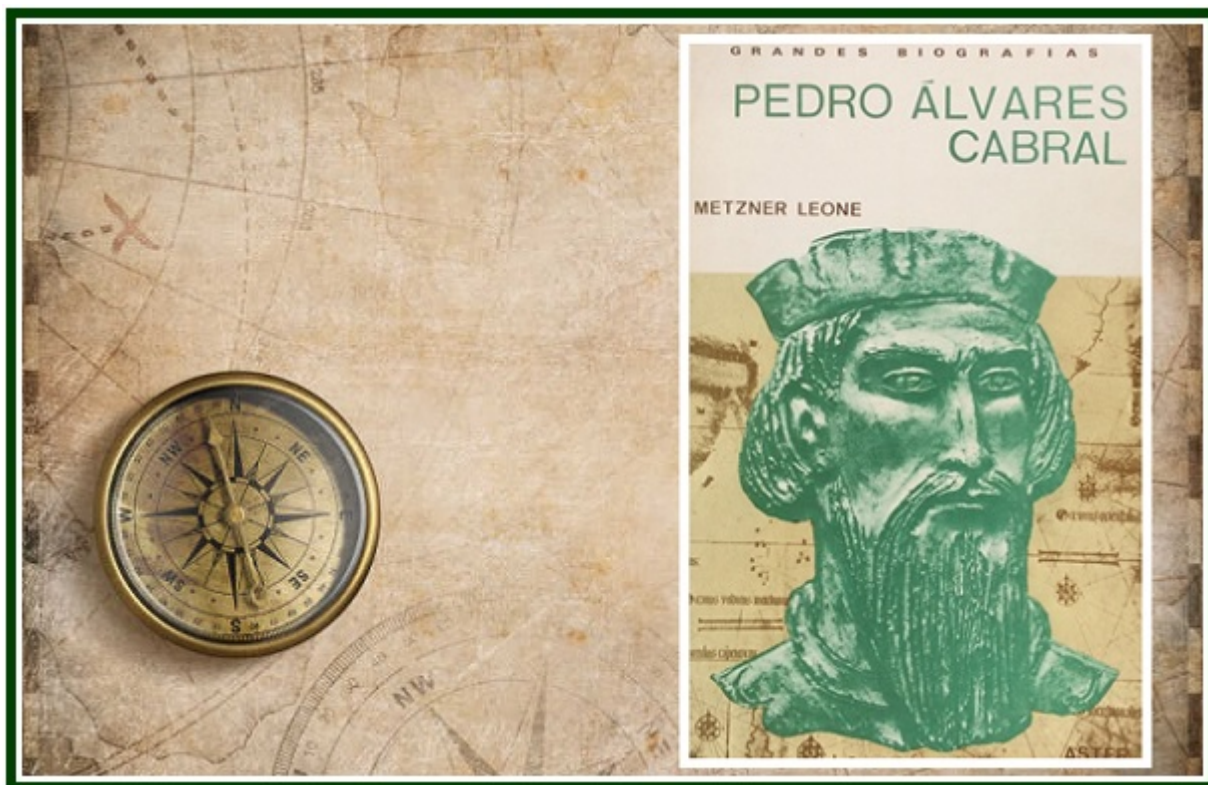
A sinceridade deve andar junto com a boa intenção e uma inofensividade essencial. Ser honesto com as pessoas não é o mesmo que dizer a elas a primeira coisa que nos vem à cabeça. A franqueza cega dos impulsivos é um gesto automático, impensado e portanto irresponsável, causando frequentemente mais problemas do que soluções.

A sinceridade precisa ser exercida com calma e de modo impessoal. É indispensável um equilíbrio interior.

Ao lado da honestidade deve haver sensatez e uma capacidade de manter um diálogo construtivo, enquanto se usa o fogo desafiador da fala verdadeira. Dizer o que pensamos significa falar o que importa e evitar a fala fútil. Por outro lado, a transparência revelará mais facilmente as falhas do nosso pensamento, de modo que devemos ter a humildade do aprendiz, que dá seu testemunho e está disposto a ser corrigido.

Preservando a compreensão mútua - ainda que ela seja imperfeita - todos crescem pelo uso da franqueza. Quando protegemos a verdade, respeitamos a vida. Aceitando o direito do nosso semelhante de dizer o que pensa, aprendemos mais. Tendo consideração pelos outros e falando a verdade, caminhamos sobre um chão mais firme.

Pedro A. Cabral: **Quinhentos Anos Depois**



À direita, a capa do livro de Metzner Leone

Em 2020 completam-se 500 anos da morte de Pedro Álvares Cabral.

A ocasião convida a refletir sobre as semelhanças entre o ciclo dos grandes descobrimentos geográficos a partir do século 15 e o ciclo do descobrimento da consciência planetária, que ocorre durante o século 21.

Há 500 anos os pioneiros da navegação física ampliaram o horizonte cármico e o dharma - o potencial superior - da humanidade. Sua ação foi um resultado do Renascimento, também conhecido como Renascença, um reviver cultural da filosofia e da espiritualidade não-dogmática.

As Cartas dos Mahatmas mostram que os Mestres estão construindo há séculos um Continente de Pensamento, um ponto de referência para as civilizações futuras da humanidade.[1] Em um ciclo diferente do nosso, Pedro Álvares Cabral e outros navegadores levaram a civilização ocidental não só a continentes físicos até então desconhecidos, mas também a novos continentes sutis e a dimensões mais amplas do pensamento.

No século 21, o teosofista que procura abrir caminhos para o futuro tem motivos para agradecer aos pioneiros do oceano do século 15. O estudante de filosofia esotérica sabe trabalhar com a lei da analogia. Ele também tem um mundo a descobrir. O oceano da

percepção universal pode ser explorado com a força da mente. Para isso é aconselhável buscar o desconhecido e desapegar-nos dos fatos de curto prazo.

Pedro Cabral é alguém a ser valorizado e cabe repensar as primeiras décadas do Brasil. O espírito inovador é necessário nos tempos em que vivemos. O destino do cidadão atual, assim como o destino dos pioneiros navegadores, é a ampliação de horizontes.

Segundo o enfoque de Metzner Leone [2], Cabral demonstrou ter grandeza interior - algo mais valioso que a grandeza mundana.

Depois da descoberta da “Terra de Vera Cruz”, tendo voltado a Portugal, ele discordou do rei, Dom Manuel I, preferiu a coerência, e foi deixado de lado. Viveu o resto da vida modestamente, esquecido no interior do país. A maior parte dos seus dados biográficos foi deixada de fora dos registros oficiais e até hoje pouco se sabe sobre sua existência pessoal.

Nada melhor do que aprender com quem veio antes.

Sábio é aquele que busca o conhecimento, e tolo é quem finge que sabe tudo. É oportuno tirar lições do ciclo dos descobrimentos.

Cabral tem algo valioso a ensinar. Podemos ser inspirados pela história humana da descoberta do Brasil em 1500, e pelo mistério do esquecimento em que caiu o descobridor logo depois.

É um privilégio priorizar a grandeza de alma e a força interior, vivendo à altura dos pioneiros que trabalharam antes de nós.

NOTAS:

[1] Veja o artigo “[Construindo um Continente de Pensamento](#)”.

[2] “Pedro Álvares Cabral”, Metzner Leone, Editorial Aster, Lisboa, 1968, 525 pp.

000

Leia os textos “[A Arte de Descobrir o Brasil](#)”, “[Pedro Nunes e a Teosofia](#)”, e o artigo “[A América Que Fala Português](#)” em “[O Teosofista](#)” de julho de 2019, [páginas 6-7](#).

000

Carta de um Mahatma: **Islamismo, Cristianismo e Violência**

...Os verdadeiros Reveladores do mundo têm sido poucos e os seus pseudo-Salvadores, inúmeros; e é uma felicidade quando os vislumbres parciais que eles obtêm da luz não são, como no caso do Islam, impostos com a ponta da espada; ou, como no caso da Teologia Cristã, entre as chamas das fogueiras e em salas de tortura.

(Um Mestre de Sabedoria)

[Do livro “**Cartas dos Mahatmas**”, Ed. Teosófica, Brasília, 2001, Carta 111, volume II, página 216.]

Ideias ao Longo do Caminho

Cabe Avançar Construtivamente, Sem Interagir Demasiado Com o Erro



- * Uma visão lúcida surge quando o propósito é corretamente elevado e livre de pensamentos distorcidos pelo desejo.
- * A paciência é necessária para olhar as coisas e situações desde pontos de vista superiores. Do alto vemos melhor, e temos um horizonte amplo.
- * Um ritmo externamente lento permite pensar antes de agir. Avançando passo a passo podem ser tomadas decisões conscientes e evita-se o arrependimento. O sábio geralmente desconhece a pressa, mas o rumo das suas ações é estável.
- * Fazer menos coisas torna significativa a nossa ação. Pensar em menos assuntos faz com que o pensamento seja mais profundo.
- * Trabalhar sem ansiedade nos capacita a produzir melhor. Agir lentamente permite aperfeiçoar com precisão os fatores decisivos. Reunir menos coisas faz com que se tenha liberdade interior.
- * Desejar pouco ou nada produz um contentamento durável. Possuir inteligência espiritual leva a agradecer à vida pelo que ela é, ao invés de tratar de distorcer os fatos. Por isso os sábios ensinam simplicidade.
- * Qual é a quantidade de sentimentos como hipocrisia e frustração na atmosfera mental do país em que vivemos? Vale a pena examinar esta pergunta e ficar de fora do circuito vicioso do pensamento negativo.

* Seja qual for o índice de poluição mental do nosso país, a primeira medida a tomar é não tornar a situação ainda pior. Cabe não aumentar a quantidade de dejetos flutuando no ar astral.

* É correto falar do que nos parece insatisfatório enquanto a atitude dominante for claramente de boa vontade, e enquanto o sentimento básico for o compromisso solidário central com a meta comum a todos.

* As críticas moderadas dão realismo ao trabalho e permitem aumentar a eficiência quando existe confiança recíproca e o altruísmo domina a cena.

* As filosofias autênticas convidam o indivíduo a ser honesto consigo mesmo. Sendo sincero, ele define uma meta clara. Tendo um objetivo definido, sua vida é coerente no essencial. Tendo uma vida essencialmente coerente, não há necessidade de muita diplomacia ou falsidade, e a confiança recíproca profunda entre as pessoas permite falar o que se pensa. A paz, a democracia e a justiça surgem disso.

* Muitos têm opiniões, poucos querem melhorar a si mesmos. O peregrino bem informado segue sua própria consciência e não obedece às marés passageiras da opinião alheia.

* Diante da pressão dos que sabem menos do que ele, o aprendiz de filosofia parece ter a firmeza inabalável de um teimoso. E no entanto ele mantém a mente aberta e está disposto a reexaminar seus pontos de vista cada vez que é confrontado com informação significativa e real, capaz de melhorar o seu sistema de orientação. A verdade é sempre bem-vinda. Ele sabe que, no seu devido tempo, surgirão os frutos do bom trabalho feito com perseverança.

* Avaliar a realidade desde um ponto de vista apenas material é como escrever na superfície da água. Avaliar as situações desde um ponto de vista espiritual requer um horizonte amplo. Para a evolução da alma, quatro ou cinco mil anos é médio prazo.

* Ter bom discernimento significa distinguir o melhor método para alcançar uma meta. Porém o mesmo método que leva você a um objetivo mais elevado pode torná-lo cego para as oportunidades que permitiriam alcançar um objetivo terrestre, por legítimo que este seja.

* Nem sempre podemos conciliar o céu e a Terra. Com frequência é preciso ser “derrotado” na Terra para garantir secretamente a vitória nos níveis superiores da existência.

* A paz da alma é o território a que o guerreiro volta sempre entre uma batalha e outra, e do qual nunca se afasta completamente. Há uma geometria simétrica ligando a expansão e a retração. Ela estabelece o ponto médio entre o esforço e a pausa, o céu e o chão, o som e o silêncio. Tudo está bem quando há equilíbrio, e quando é percebido o silêncio que une todas as coisas.

* Ampliar o conhecimento é bom, caso a sua busca não seja uma fuga psicológica do desafio de agir à altura do que se sabe. É dever de todo estudante observar a relação entre o conhecimento sagrado e a prática diária.

* Há muitas ideias que o peregrino sabe que é correto colocar em prática, mas que não é fácil. Por causa disso ele pode optar por “procurar mais conhecimento”, ao invés de aplicar o conhecimento que já tem. Neste caso o conhecimento supostamente ampliado da verdade se desvaloriza, perde sua força transformadora e se torna superficial. Ele consiste de mera informação, reunida para substituir o conhecimento real, que leva à prática porque é

vivenciado. O peregrino deve identificar e eliminar o conhecimento substitutivo, fazendo com que todo conhecimento tenha uma ligação direta com o que vivencia.

* O excesso de informação da era da Internet é um dos fatores da aceleração histórica e da febre cármica que o planeta está vivendo. Muitos perdem o bom senso e ficam mais ou menos longe de perceber a realidade.

* Quando a coleção de absurdos que desfila diante de nós é excessiva, o mais acertado é não dar uma quantidade muito grande de atenção.

* Cabe avançar focando o esforço na ação correta, e sem interagir demasiado diretamente com o erro. Não sabemos tudo, mas conhecemos um fato central: o que se planta se colhe. É pela ação sensata que um indivíduo se liberta e uma comunidade se ergue.

000

O Carma da Mídia, da Arte e da Literatura



Depois de vários milênios de mudança social constante e incontáveis tentativas de “reformular o mundo” e “fazer revoluções”, começa a chegar a hora de percebermos que só pode haver uma transformação para melhor na sociedade se ela for resultado de um progresso feito nas almas das pessoas, em primeiro lugar.

Quando os seres humanos purificam o estado de suas mentes, passando a ser amigos da ética e da sinceridade, todas as coisas terrestres trilham naturalmente o caminho da cura.

Enquanto os cidadãos fazem o oposto disso e tentam mudar a sociedade sem mudar a si próprios, a mediocridade colhe o que a mediocridade plantou.

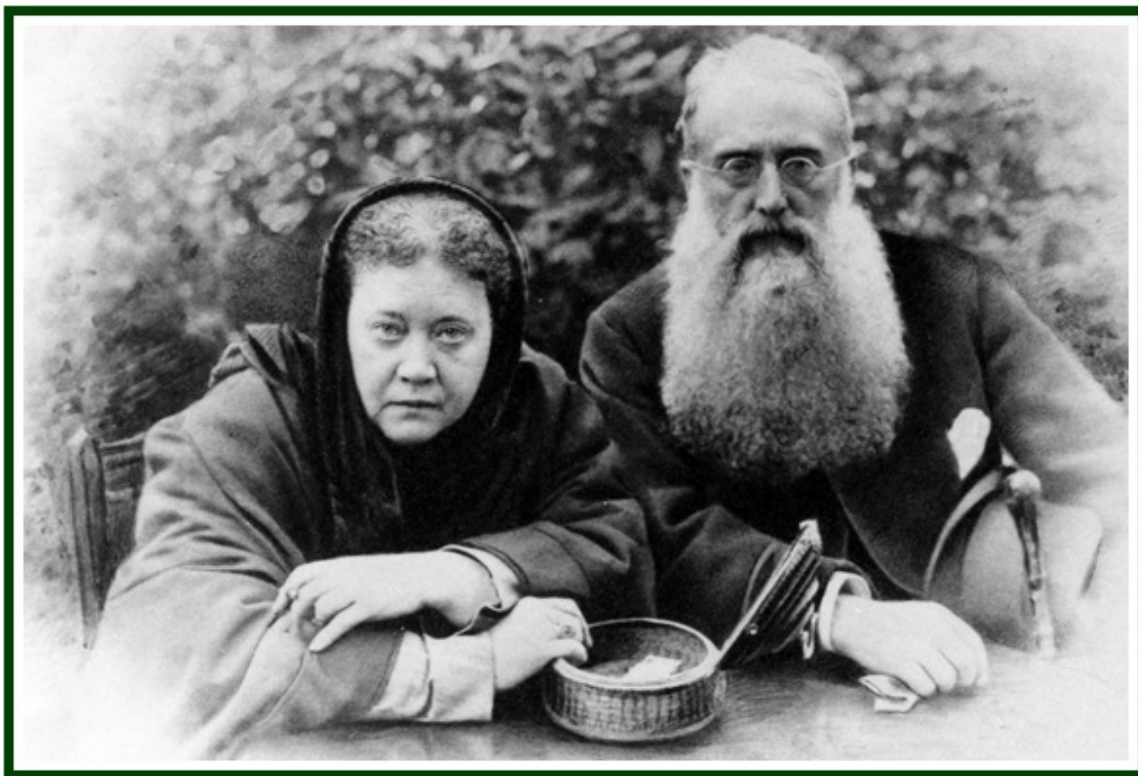
O tipo correto de transformação social acontece quando as pessoas pensam em seus deveres, mais do que em seus “direitos”. Porém, cabe lembrar que o comportamento ético ou antiético da população não ocorre por acaso. Ele não obedece ao vento. Ele é guiado em grande parte por uma coisa que se pode chamar de “atmosfera cultural da época”.

[Clique Aqui para Ler o Artigo](#)
[“O Carma da Mídia, da Arte e da Literatura”](#)

000

Ensinamentos de um Mahatma - 27

Superando a Desconfiança Entre os Discípulos



Olcott (à direita) achava muito difícil ser leal ou ser grato a Helena Blavatsky, e fracassou amplamente na sua caminhada

Nota Editorial:

O artigo número vinte e sete desta compilação de escritos do mestre de Helena Blavatsky apresenta as Cartas 36, 37, 38 e 39 da obra “**Cartas dos Mestres de Sabedoria**”, segunda série.

Nas cartas 36 e 37, as palavras entre colchetes, em itálico, foram acrescentadas pelo editor e compilador C. Jinarajadasa.

Devido ao fato de que a vaidade “espiritual” prejudicou o sentido de justiça de Olcott, foi difícil para ele ser leal, ou grato, a H.P. Blavatsky. Nem sempre ele confiou nela, porque só aquele que é confiável consegue confiar nos seus colegas de caminhada.

Em um par de notas, C. Jinarajadasa recomenda aos leitores o estudo da Carta 50, em que o mestre esclarece a origem de diferentes ordens dadas a Olcott:

“...Que ele [*Olcott*] saiba que sempre que uma ordem lhe é enviada através dela, deve ser prefixada com as palavras ‘Chohan Rimbochey’; sempre que estas palavras forem omitidas, a ordem não procede de mim mas dela. Diga-lhe que tenha fé, esperança e confiança.”

A Carta 39 mostra o pesado peso cármico do fracasso dos supostos discípulos e amigos da teosofia no momento de apoiar os esforços do Mestre Koothoomi para fundar um jornal na Índia (que teria tido o nome de *Phoenix*). Essa *derrota moral* foi logo seguida pelo primeiro ataque em grande escala contra HPB e os Mestres, realizado em 1884-1885 e do qual o movimento teosófico ainda está para se recuperar completamente. Para isso será necessário restabelecer a lealdade coletiva ao *projeto original* delineado pelos Mahatmas.

(CCA)

Carta 36

[*Dobrada triangularmente, e endereçada:*]

H.S. Olcott,

M.:

[*Dentro:*]

H.S. Olcott, Presidente da Sociedade Teosófica está proibido daqui para a frente de dar palestras improvisadas ¹

por ordem de
Serapis

Carta 37

[*Do Coronel Olcott para H.P.B.*]

Sociedade Teosófica - Gabinete do Presidente
Calcutá,
Domingo, 20/5 [1883]

¹ Parece que no início o Coronel Olcott tinha o hábito de algumas vezes aparecer diante do auditório e dizer: “Sobre que tema gostariam que eu falasse?” Se o tópico sugerido fosse mesmerismo ou algum tema similar no qual fosse *expert*, tudo corria bem. Mas em outros temas não preparados ele podia tornar-se difuso. Evidentemente sua concepção sobre a preparação de uma palestra era diferente da maioria dos palestrantes teosóficos, conforme pode ser visto a partir do seguinte registro em seu diário, em 31 de agosto de 1883: “Dei minha segunda palestra hoje para mais ou menos a mesma audiência. Obtive uma boa quantidade de aplausos e fizeram-me falar uma hora e meia, embora eu tenha sugerido parar ao final de uma hora.” (C. Jinarajadasa)

“ANJO” DE CHEDA LAL, ²

Desejo congratulá-la pela bela confusão que fez ao confiar as missões do interior àquele completo lunático B.L. e também por pensar em sua própria proposta de - incorrendo em despesas e enfrentando dificuldades - ir a Calcutá e de lá prosseguir para N.W.P. e Punjab, para colocar em ordem as mentes dos leais e sinceros camaradas falsamente acusados por ele de caluniar-me. Li as respostas deles, mas da mesma forma poderia tê-los selecionado de antemão para você, a partir de meu conhecimento pessoal do caráter deles. Bem, deixe que eu maneje a pilha de esterco sozinho quando tiver uma folga em casa.

Hoje falo em Bhowanipore, amanhã aqui na sede municipal e amanhã à noite partirei a bordo do *Tibre*, que deverá lançar-se ao mar terça-feira de manhã cedo. Envie-me a carruagem no devido tempo. Ficarei feliz em vê-la outra vez.

Afetuosamente,
H.S.O.

[*Escrita transversalmente sobre a carta acima, em lápis azul, encontra-se a seguinte mensagem do Mestre M., dentro de um envelope muito pequeno de 1,5 polegada de largura por 4 de comprimento, do escritório do Theosophist, Adyar (Madras), Índia, endereçado:*]

MOLONEY “LOOKSHUN THAKOORDADA” ³

De M. ∴ Chohan Rimbochey. ⁴

Lookshun Thakoordada está errado. O “Anjo de Cheda Lal” não deve ser acusado. O anjo *recebeu ordens de consentir*, pois um grande princípio estava envolvido no teste. Nós quisemos e sempre aceitaremos o homem *interno* todas as vezes que ele se oferecer para as tarefas.

Carta 38 ⁵

Pergunte-lhe ⁶ em nome do *Dhyan* e do *Chohan Rimbochey* o que é que o aflige! Aí está: “cinco páginas”, e nem uma palavra sobre ter enviado as cartas de Hume a C.C.M. ⁷, mantendo-as em confidência e enviando-as de volta sem falta. Faça-o acrescentar que ele

² Um membro dedicado da Loja de Bareilly. (C. Jinarajadasa)

³ Moloney era o apelido do Coronel Olcott em Nova Iorque. Desconheço como ele adquiriu o segundo, Lookshun Thakoordada, “avô Lakshman”. (C. Jinarajadasa)

⁴ O Mestre M. usualmente assina apenas M. ∴. Mas como o Coronel Olcott algumas vezes suspeitava que as mensagens verbais advinham apenas de um discípulo, seu Mestre providenciou as palavras “*Chohan Rimbochey*” - “o Chefe glorioso” - como um sinal de que a mensagem provinha diretamente Dele. Veja Carta 50, Segunda Série. (C. Jinarajadasa)

⁵ Recebida em 1 de junho de 1883. (C. Jinarajadasa)

⁶ Provavelmente Subba Row. (C. Jinarajadasa)

⁷ C.C. Massey. (C. Jinarajadasa)

solicitou a C.C.M. que lhe mostrasse as duas cartas a Sinnett e o consultasse em relação ao melhor curso a ser adotado com Hume. Que ele escreva que seu *Gurujee M.* ordena-o a aconselhar Massey, acredite ele em *nós* ou não, a não confiar em Hume, que o destruirá psiquicamente.

Carta 39⁸

A menos que você mesmo ponha seu ombro na roda, Kuthumi Lal Singh terá de desaparecer da cena neste outono. Bastante fácil para você. Faça palestra hoje. Tente colocar Subba Row em ação por uma questão de honra dele. Há uma carta para ele. Passe-a de alguma maneira. Ele está sendo reprovado nela por recusar-se a auxiliar a Sociedade de M.⁹, por não fazer palestras, e por não envolver-se¹⁰. Será uma *grande vergonha* e os “Irmãos” perderão prestígio a menos que algo seja feito por aquele jornal. Você pode fazer algo se tentar. Nada que você não possa fazer em nome do Chohan Rimbochey¹¹ e usando-o quando necessário. De fato, se isso comprovar-se um *total fracasso*, ninguém mais acreditará nos poderes do pobre K.H. Ou isso, ou pense em como sair disso.

Não é necessário assinar - mas que seja vista como uma assinatura coletiva.

000

O texto acima reproduz as Cartas 36, 37, 38 e 39 de “**Cartas dos Mestres de Sabedoria**”, transcritas e compiladas por C. Jinarajadasa, Segunda Série, Ed. Teosófica, Brasília, 2010, revisão técnica de Carlos Cardoso Aveline, 295 pp., ver pp. 215-218.

A edição de 1948 da obra em inglês, “**Letters from the Masters of the Wisdom**”, pode ser lida em PDF [nos websites associados](#).

000

Novos Itens em Nossos Websites

Este é o informe mensal dos websites associados. [1] Dia 01 de agosto tínhamos 2503 itens em nosso acervo, dos quais 12 estavam em francês, 1183 em português, 1168 em inglês e 139 em espanhol.

Os seguintes itens foram publicados entre 04 de julho e 01 de agosto de 2019:

⁸ Recebida em 2 de junho de 1883. (C. Jinarajadasa)

⁹ S.T. de Madras. (C. Jinarajadasa)

¹⁰ Na experiência do *Phoenix*, por cujo sucesso o Mestre K.H. esforçou-se arduamente. (C. Jinarajadasa)

¹¹ Veja Carta 50. (C. Jinarajadasa)

